

General — Olha o canalha!

Lojista — Ainda no ano passado ele comeu bolos de borla e à farta durante a Quaresma e, perto das Endoenças, quando lhe foram pedir esmola para o «Senhor morto», respondeu: «Lá dinheiro, não. Não posso... Mas mandem-me o santo cá para casa um mês que eu lhe darei cama e mesa...»

General — Irra que já é... Ó, doutor, e se nós fôssemos ao gamão?

Doutor — Pois vamos lá...

VÊNUS MOMENTÂNEA

Vento mareiro fresco, encapelando levemente a água em ondas verdes, floridas de espuma efémera. Aragem que sacia os pulmões...

À sombra de um leixão, deitado na areia seca e fina, eu lia versos, respirando o ar iodado, ou corria com a vista a curva do vasto horizonte, embalado pela canção cristalina do mar.

Perto da praia, o casco todo negro, pesado e sem graça, de um vapor, com uma grande bandeira vermelha desfaldada à popa, e logo o contraste: um iate cinzento-claro, que se balouça com elegância.

De todos os pontos do horizonte surgem a cada instante as velas dos batéis de pesca, velas agudas, que se cruzam como asas simbólicas, que se perseguem, que se reviram e param, que prosseguem dispersas, precipitadas numa de-

sordem de fuga, ou caminham regularmente em grupos, de conserva, e tudo vai direito à barra, cuja entrada estreita um rochedo esconde.

Outro batel, com a vela toda panda, sai, sozinho, a barra e entra no mar saltando sobre as ondas de vidro verde, franjadas de espuma, como cavalo fogoso que atravessa um prado cheio de erva.

O céu, de um azul intensíssimo, está como que esponjado de pequenas nuvens; a Ponta do Altar perfila-se com o seu recorte siracusano, e pouco a pouco, ao declinar do Sol, acende-se em oiro.

Vai vazando a maré, alargando-se a mais e mais a faixa de areia molhada onde o céu se reflecte como num infinito espelho...

Era a hora da tarde em que os banhos recomeçam, e como de costume, naquela praia cheia de recortados leixões, os banhistas despiam-se junto às rochas, pendurando nelas o seu fato.

Em volta do leixão, a cuja sombra eu me acolhera, havia roupas de mulheres, que sem dúvida pertenciam ao grupo de serrenhas que ali próximo, de mãos dadas e soltando gritos selvagens, tomavam à babugem da água um desses infundáveis banhos aconselhados pelos preceitos da higiene sertaneja. Pareceu-me reconhecer nelas umas criaturas sem interesse, com quem amiúde me cruzara pelos caminhos, entre as quais sobressaía certa moça forte, feia e espadaúda, que andava sempre de olhos baixos, exibindo um pudor que ninguém, certamente, desejaria ofender.

Naturalmente, a minha vista não se distraía do encanto da paisagem ou da intimidade do livro, para seguir no banho as evoluções mais ou menos grotescas daquelas sereias, quanto a mim muito pouco ou nada voluptuárias, e foi assim que elas saíram do mar, e vieram para o leixão onde estava a sua roupa, e ao qual voltava costas, sem eu dar por tal.

De repente senti que alguém tossia, fazendo-o para chamar a minha atenção. Voltei-me instintivamente: era a serrenha pudenda que se limpava, acocorada, numa anfractuosidade da rocha que formava nicho.

Tão depressa verificou que se encontrava em foco, ergueu-se, abriu os braços e soltou o lençol.

Prodígio de elegância, perfeição e graça escultural, se me patenteou então o seu corpo enrijecido pela frialdade da água, cujas gotas ainda lhe escorriam pela carne marmórea. O peso da água afeçoara-lhe na cabeça hirsuta um toucado de estátua antiga, e os seios disparavam como duas pombas que vão voar.

Impassível, sem um sorriso, e lentamente — tal uma estátua em pedestal móvel —, ela rodou sobre si mesma, franqueando à minha vista sôfrega as mais secretas maravilhas do seu corpo.

Terminada a volta, agachou-se, meteu-se no lençol e chamou por outra mulher, que a veio limpar.

Daí a nada passava por mim já vestida — entrouxada nas suas vestimentas de serrenha lorpa —, arrastando os sapatos de bezerro, estúpida, a boca mole e inexpressiva, os olhos baixos...

Espreitei-a depois, no banho, vezes sem conto, a ver se a cena se repetia, mas inutilmente.

Outras tentativas, de natureza mais prática, foram igualmente infrutíferas...

Concluí que assistira, por acaso, à passagem pelo seu corpo de uma alma de nereida encontrada dentro de água e enganada pelo aspecto helénico daquela praia...

DE LONGE...

Melancólico domingo de Páscoa, aberto com a leitura de uma dessas enternecedoras cartas, ingenuamente sentimentais, onde vêm marcadas as palpitações do coração que as ditou.

Concentrou-se-me a alma gravemente, logo limpa de todo o aparato inútil...

O pensamento levou-me então para muito longe de aqui, a reconstituir cenas de uma grande intimidade, que melhor me fizeram sentir este duro isolamento, entre muitos milhões de criaturas a quem me não liga afeição alguma.

Saí. Num *square* próximo — onde os rebentos verdes já pungem, aveludadamente, a superfície tosquiada da sebe negra que acompanha a grade — algumas crianças brincavam sobre a relva, vestidas de claro, os cabelos soltos.